



HOLOS

ISSN: 1518-1634

holos@ifrn.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia do Rio Grande do Norte

Brasil

Villaverde Monteiro, Sandoval
SOCIEDADE DE CONTROLE E CONDUTAS ÉTICAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

HOLOS, vol. 1, 2009, pp. 31-36

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Natal, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481549225005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

**SOCIEDADE DE CONTROLE E CONDUTAS ÉTICAS:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO FÍSICA¹**

Prof. Dr. Sandoval Villaverde Monteiro

Professor do IFRN

RESUMO

O texto objetivou discutir os campos de atuação profissional em educação física, abordados em seus limites e perspectivas, enfocando a atuação profissional a partir do ponto de vista da ética. Parte-se do entendimento de que as tendências e sutilezas da atual sociedade de controle, cuja forma de organização da vida pública se estrutura por dispositivos sobre o corpo e atuam diretamente nos processos de conformação subjetiva, colocam inúmeros desafios e armadilhas para todos nós no cenário social contemporâneo. Tais desafios estão presentes também quando pensamos a atuação crítica e criativa do profissional da Educação Física e do lazer. É neste sentido que este profissional é chamado a oferecer resistências à ideologia da saúde e do corpo perfeito, a se instrumentalizar para se contrapor aos ditames e esquemas da indústria cultural e a assumir como necessário um enfrentamento diário dos condicionamentos sociais que nos são impostos, além de uma permanente busca pelas “linhas de fuga” que nos permitam esquivar-se desse estado de coisas.

PALAVRAS CHAVE: Sociedade de controle, Condutas éticas, Educação Física

**SOCIETY OF CONTROL AND ETHICAL CONDUCT:
CHALLENGES AND PROSPECTS FOR PROFESSIONAL PRACTICE IN
PHYSICAL EDUCATION**

ABSTRACT

The text aims to discuss the fields of professional performance in Physical Education, approached in its limits and perspectives, focusing the professional performance from the point of view of ethics. We start from the comprehension that the tendencies and subtleties of the present control society, in which the organization of the public life is structured by dispositives about the body and acts directly on the subjective conformation processes, put several challenges and traps for all of us in the contemporaneous social scenery. Such challenges are present also when we think of the critical and creative performance of the Physical Education and leisure professional. It is in this sense that this professional is called to offer resistance to the ideology of perfect health and body, to get able to place opposition to certain conventions and schemas of cultural industry, as well as to assume as necessary a daily struggle against social conditionings that are imposed, and also a permanent search for the “escape lines” which allow us to escape this state of things.

KEYWORDS: Control society, Ethical conduct, Physical education

¹ Texto elaborado para a mesa-redonda sobre o tema: Os Campos de Atuação Profissional em Educação Física: Educação, Saúde e Lazer - Desafios e Perspectivas.

SOCIEDADE DE CONTROLE E CONDUTAS ÉTICAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

O debate sobre os campos de atuação profissional em Educação Física, enfocados em seus limites e perspectivas, poderia ser abordado, a meu ver, a partir de muitas entradas, privilegiando um ou outro aspecto, de acordo com as possibilidades, limitações e mesmo interesses de quem é chamado a participar de tal debate.

Foi considerando estes aspectos que optei por abordar a atuação profissional a partir do ponto de vista da ética, ou, dito de outra forma, buscando pensar algumas pistas para um possível estabelecimento de condutas éticas no fazer do profissional da Educação Física, e mesmo na própria vida cotidiana deste profissional.

Certamente não falo aqui de ética no sentido de uma moral universal, pautada em códigos coercitivos, nem muito menos de uma pretensa “ética profissional” preestabelecida (ao gosto dos diversos conselhos profissionais). A ética que quero abordar aqui busca inspiração nas últimas formulações do filósofo francês Michel Foucault, e está relacionada muito mais a uma relação do sujeito consigo próprio, na qual se pressupõe a relação com outros sujeitos. Uma ética construída permanentemente, no palco das práticas cotidianas, a partir da singularidade de cada relação social.

Ora, se admitirmos que a subjetividade é construída no registro social, e que, portanto, trata-se de algo inacabado, em processo, a questão que se coloca é saber até que ponto podemos nos constituir autonomamente como sujeitos, especialmente como sujeitos éticos, diante dos poderes agenciadores, os quais insistem cada vez mais em nos dizer quem devemos ser, com quem e como devemos nos relacionar, e quais os valores que devemos entender como os mais adequados. Enfim, que pistas teríamos para balizar nossas condutas éticas na contemporaneidade?

Retornaremos a estas questões mais adiante. Voltemos nossa atenção agora para o que tem caracterizado a nossa realidade social contemporânea. Quer dizer, que aspectos não podem ser desconsiderados no contexto sócio-político no qual estamos todos inseridos e onde atuamos profissionalmente? Que contradições, dilemas e coações se colocam direta ou subliminarmente aos indivíduos e grupos na cena contemporânea?

Mesmo não tendo a intenção nem a pretensão de trazer resposta a questões tão complexas, tentarei identificar alguns traços que, a meu ver, são marcas importantes da cena social contemporânea, a qual apresenta desafios gigantescos para uma atuação autônoma e emancipada no mundo.

Tal contextualização ganha ainda maior pertinência quando consideramos uma área profissional que, de distintas maneiras, é chamada a atuar tão de perto com o corpo humano e com as diferentes manifestações da chamada cultura corporal de movimento, seja enfatizando os aspectos da educação, da saúde ou do lazer. Eis aqui dimensões centrais da vida humana, com as quais nos ocupamos em nosso fazer profissional, e que, não por acaso, têm recebido investimentos tão contundentes na contemporaneidade.

Como tão bem demonstrou a monumental obra de Michel Foucault e seus desdobramentos, o biopoder e a biopolítica, figuras indispensáveis ao desenvolvimento do capitalismo, exigem um investimento massivo do poder sobre a vida e os corpos. Ou seja, saúde, sexualidade, higiene e bem-estar corporal transformam-se em preocupações fundamentais para as estratégias de disciplina ou o controle das populações e tendem a ocupar o centro dos afetos de cada indivíduo.

Se Foucault já havia anunciado em seus últimos escritos a gradual passagem de uma “sociedade disciplinar” para uma “sociedade de controle”, na qual são aprimoradas as estratégias do poder para o controle social dos corpos e das populações, é Gilles Deleuze quem sublinha essas novas tendências, típicas da segunda metade do século XX, muito mais inspiradas no controle do que na disciplina.

É preciso lembrar que, nas sociedades disciplinares, tão bem estudadas por Foucault (FOUCAULT, 1977), a ação era normatizada e higienizada sobretudo dentro de instituições preventivas, coercitivas e punitivas (fábricas, prisões, escolas, etc.), e objetivavam a disciplina e a submissão dos corpos, tornando-os politicamente dóceis e economicamente produtivos. O poder disciplinar atuava num sistema concentracionário, esquadinhado e fechado.

Como observa Rago (2002), o controle não tem preferência por espaços fechados e limitados geograficamente, como a ação disciplinar, e buscam forjar não mais exatamente “corpos dóceis”, mas “corpos flexíveis” necessários às novas formas de dominação social. Se na ação disciplinar a produção ocupa o centro dos desejos e coações dominantes, naquela de controle é principalmente o consumo que conquista um lugar de destaque.

No novo mundo globalizado, sem barreiras nem fronteiras, importa não tanto o homem disciplinado do capitalismo de produção, mas o homem “ondulatório” do capitalismo da sobre-produção e do consumo. Além disso, a ação do controle opera no sentido de isolar os corpos, conectando-os por meio da adesão ao consumo de produtos e serviços que prometem sucesso rápido. Mais isolados e, também, mais conectados, homens e mulheres são coagidos menos pela culpa do que pela obrigação de ter espírito de iniciativa, de ser saudável, jovem, belo e “descolado”, seja no trabalho ou no lazer.

A passagem da disciplina para o controle, bem observou Sant’Anna (2000), sugere uma mudança importante nas maneiras de conceber e tratar os cuidados com o corpo e os seus vínculos com a valorização atual do lazer. Pois, muito mais do que na sociedade disciplinar, nas sociedades de controle as atividades de lazer e os cuidados com a saúde e a beleza são essenciais. Esta íntima relação entre lazer e cuidado com o corpo tende a transformar este último numa entidade de grande importância, merecedora de numerosos tratamentos e desencadeadora de preocupações e investimentos tão ou mais obsessivos que aqueles outrora dedicados à alma. De um controle-repressão passa-se a um controle-estimulação.

As estratégias de controle são bem mais ambiciosas, fluidas, discretas e sutis que aquelas da disciplina: elas pretendem constituir os corpos em todos os momentos e espaços, não apenas para torná-los dóceis e úteis ao trabalho, mas, também, insaciáveis no consumo de prazeres. Trata-se de uma operação dupla: conceber o corpo pessoal como sendo não apenas o principal “capital” de cada um ou o seu único bem, mas

igualmente atrelá-lo à frenética busca pelo consumo, no trabalho e, especialmente no lazer (SANT'ANNA, 2000).

Por isso, este que se apresenta como um campo potencialmente fértil para a atuação profissional em Educação Física, o lazer, é também o espaço-tempo propício por excelência para as estratégias do controle. Pois é nele que, tradicionalmente, cada um tende a se abrir para a fruição, ou para realizar seus desejos, o que muitas vezes é compreendido como sinônimo de abastecer-se consumindo as imagens, os produtos e os serviços considerados em alta no mercado.

As tendências e sutilezas da sociedade de controle, cuja forma de organização da vida pública se estrutura por dispositivos sobre o corpo e atuam diretamente nos processos de conformação subjetiva, colocam inúmeros desafios e armadilhas para todos nós no cenário social contemporâneo, especialmente quando pensamos a atuação crítica e criativa do profissional da Educação Física e do lazer.

E por atuação crítica e criativa entenda-se aqui um permanente experimentar-se a si mesmo, num esforço incansável de contraposição e resistência às velhas e novas formas de dominação social.

Talvez não seja demais esperar que este profissional contraponha-se, por exemplo, ao que alguns autores têm chamado de ideologia ou moralidade da saúde. Segundo esta ideologia medicalista, a saúde tornou-se não somente uma preocupação, mas também um valor absoluto ou padrão para julgar um número crescente de condutas e fenômenos sociais.

Que este profissional seja capaz de oferecer resistências à ideologia da saúde e do corpo perfeito, na qual se presencia a valorização exacerbada de uma estética fugaz da aparência e da juventude a qualquer preço, tudo em conformidade com os estereótipos corporais que trazem como marca o incentivo ao consumo intenso de cosméticos, fármacos, alimentos dietéticos, práticas de exercícios físicos e de rejuvenescimento, cirurgias, etc.

Que ele se instrumentalize, enfim, para se contrapor também aos ditames e esquemas da *indústria cultural*, a qual tende a reduzir a experiência de lazer a mero entretenimento e ocupação do “tempo livre”, uma vez que ela funciona na lógica da mercadorização, banalização e reificação da cultura (VAZ, 2006).

Tal lógica de mercadorização está presente também num dos campos de atuação em expansão na área do lazer: o das práticas corporais de aventura na natureza. A despeito de suas potencialidades para o exercício de relações humanas diferenciadas com o próprio corpo e com a natureza, tais atividades não raro reproduzem acriticamente a lógica utilitarista e mercantil de instrumentalização das paisagens naturais, especialmente quando incorporadas ao mercado turístico e esportivo.

Ou seja, torna-se necessário um enfrentamento diário dos condicionamentos sociais que nos são impostos, além de uma permanente busca pelas “linhas de fuga” que nos permitam esquivar-se desse estado de coisas.

Bem, depois desses breves apontamentos, os quais intencionalmente chamam a atenção muito mais para os desafios do que para as perspectivas do nosso campo de atuação profissional, voltemos então a pensar sobre as condutas éticas anunciadas no início desta fala.

Guardando as inspirações vindas de Foucault e Denise Sant'Anna, poderíamos dizer o seguinte: “garantir às análises sobre o corpo a sua historicidade, afirmando, ao longo da vida, a provisoriação e a finitude de cada aspecto da subjetividade, seria um passo importante para agir eticamente” (SANT'ANNA, 2000, p. 86-87). Ou seja, considerar que homens e mulheres se transformam historicamente em sujeitos de seus corpos, contribui não apenas para estabelecer condutas éticas, mas para afirmá-las como fazendo parte das experiências mundanas, evitando abstraí-las de toda realidade.

Através de condutas éticas, produzidas na especificidade de cada relação social, talvez seja possível, de certo modo, aos profissionais de Educação Física e do lazer, escapar das imposições genéricas de uma moral universal que defende ora a austeridade do corpo, ora sua descontração ilimitada.

A ética implica, assim, “o estabelecimento de relações nas quais, no lugar da dominação, são exercidas composições entre os seres, que não se limitam a adequações harmoniosas entre diferenças, nem a fusões totalitárias fadadas a tornar os seres similares uns aos outros. Trata-se de estabelecer uma composição na qual os seres envolvidos se mantêm singulares, diferentes do início ao fim da relação: a composição entre eles realça tais diferenças, sem, contudo, degradar qualquer uma delas em proveito de outras. A avidez característica da vontade de controle do corpo tende, portanto, a empalidecer perante as relações nas quais os corpos não precisam dominar ou serem dominados para adquirir importância e força” (idem, p. 87).

Contudo, a relação entre seres que dispensam a dominação não estão isentas, obviamente, de tensões e, particularmente, de potencial criativo, e por isso se aproximam da arte e muitas delas ocorrem no terreno das artes. Mas também florescem no esporte, no trabalho, no lazer, no estudo, nas relações de amizade, no amor.

Os últimos textos de Foucault nos remetem à reflexão sobre a urgência de fazer da vida do homem comum uma obra de arte (FOUCAULT, 1985, 1998, 1994). E eu estendo este convite a todos vocês, especialmente em sua lida profissional diária. Busquem fazer da própria vida uma obra de arte: “não para destacá-la do tecido da vida, tornando-o um herói, personagem acima dos demais, mas, diferentemente, para reforçar seus elos com o coletivo, tornando-o menos objeto de uso ou de exposição e mais um conjunto heterogêneo de ações comprometidas socialmente, tanto mergulhado na historicidade de seu tempo quanto aberto ao devir” (SANT'ANNA, 2002).

Para finalizar, quero lembrar duas imagens: uma delas, talvez um pouco fora de moda e marcada por inúmeras ortodoxias, a foice e o martelo, símbolo do Partido Comunista, e a foice e a enxada, ferramentas simbólicas do MST. Ambas são imagens que representam a insubmissão e a luta social contra os poderes estabelecidos e opressivos. Ambas contêm em sua constituição a força e resistência do elemento mineral ferro e a sensibilidade e maleabilidade do elemento vegetal madeira. Madeira, pau, pau-brasil, ferro. Ferro em brasa na árvore da passagem que origina seu nome: Pau dos Ferros, fina flor brejeira do Alto Oeste potiguar! Que os profissionais de Educação Física formados

sob sua inspiração sejam acima de tudo artífices arteiros da sensibilidade e da resistência.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. (1985) **História da sexualidade: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal.
- _____ (1998) **História da sexualidade: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal.
- _____ (1994) Uma estética da existência. **Dits et écrits**, v. 4. Tradução de Wanderson F. Nascimento. Paris: Gallimard.
- _____ (1977) **Vigiar e punir.** São Paulo: Vozes.
- RAGO, Margareth. (2002) Libertar a história. In RAGO, M. et al. (Orgs.) **Imagens de Foucault e Deleuze, ressonâncias nietzschianas.** Rio de Janeiro: DP&A.
- SANT'ANNA, Denise B. (2000) Corpo, ética e cultura. In BRUHNS, Heloisa T. e GUTIERREZ, Gustavo L. (Orgs) **O corpo e o lúdico, ciclo de debates lazer e motricidade.** Campinas: Autores Associados.
- _____ (2002) Entre a serpente e a toupeira: transitando pelas idéias de Foucault e Deleuze. In BRUHNS, H. T. (Org.) **Lazer e ciências sociais, diálogos pertinentes.** São Paulo: Chronos.
- VAZ, Alexandre F. (2006) Lazer, indústria cultural e biopolítica. In ISAYAMA, H E LINHALES, M. A. (Orgs.) **Sobre lazer e política, maneiras de ver, maneiras de fazer.** Belo Horizonte: Editora UFMG.